

A AFIRMAÇÃO DO VIOLINO SOLO NO BRASIL COM O ÁLBUM DE SEIS CAPRICHOS DE MARCOS SALLES

Zoltan Paulinyi

Universidade de Brasília; OSTNCS – paulinyi@yahoo.com

Resumo: A composição para violino solo afirmou-se como gênero próprio no século XVII na Europa. Entretanto, a história registra as primeiras composições somente no início do século XX no Brasil, bastante tardio no contexto internacional. Os primeiros 6 caprichos do paraense Marcos Salles (1885-1965), feitos durante seus estudos na Bolonha no período de 1907 a 1909, herdam a técnica virtuosística da escola franco-belga, mas buscam diferenciações estilísticas. São traços característicos das suas composições a persistente alternância modal e a exploração de grande variedade de golpes de arco. O ideal violinístico brasileiro daquela época já buscava certa autonomia, principalmente na voz de Flausino Vale, amigo de Marcos Salles. Contudo, o conjunto de suas obras não contradiz a tendência europeia apontada por Carl Flesch (1873-1944), que criticava o uso da polifonia no violino solo, instrumento predominantemente homofônico. Este artigo descreve e apresenta trechos significativos do fac-símile “*Capricci per violino solo di Marcos Salles*”.

Palavras-chave: Marcos Salles, violino solo, capricho, *capriccio*.

1. Introdução

Na Europa, o gênero de escrita para violino solo iniciou-se no século XVII com o prelúdio de Thomas Baltzar (1631-1663), a sonata em Si *b* Maior de Francesco Geminiani (1687-1762), Passacaglia de Biber (ca. 1676), prosseguindo com as Sonatas e Partitas de J. S. Bach (1720) e as 12 Fantasias de Telemann (1735) (BOYDEN e WALLS, 2001). A fundação do Conservatório de Paris em 1795 formou um corpo docente de notáveis violinistas compositores: Baillot, Rode, Kreutzer. A partir do século XIX, portanto, conhecemos vários álbuns para violino solo publicados pelos violinistas franceses, bem como os famosos Caprichos de Paganini que influenciaram profundamente o estilo de composição para o violino para outros instrumentos. A sistematização do estilo e da técnica violinística pelo Conservatório de Paris constituiu a moderna escola franco-belga, que influenciou o ensino do violino na Europa inteira e fundamentou os estudos pessoais de Marcos Salles, que ganhou fama no Brasil principalmente pelo domínio do arco.

Carl Flesch (1873-1944), fundador de notável escola na Europa e semeando representantes no Brasil, criticou o gênero de sonata para violino desacompanhado, considerando-a uma “bastarda” por ser o violino um instrumento homofônico e cujos acordes, utilizados somente em casos excepcionais, serem estranhos à sua natureza. Ele concluiu que, para realçar o contraponto linear ao ouvinte, requer-se um enorme aparato de nuances de dinâmica e de agógica (FLESCH, 1930, p. 121).

A este respeito, o Brasil mostrou sinais de pensamento autônomo no início do século XX. Flausino Vale (1894-1954) compôs dezenas de prelúdios para violino solo objetivando defender sua tese de que “o violino basta a si próprio, prescindindo de outros instrumentos para acompanhá-lo” (VALE *apud* FRÉSCA, 2008, p. 137).

Confiando na força virtuosística do instrumento, Marcos Salles compôs seus seis caprichos para violino solo, antecipando em mais de uma década o gênero divulgado por Flausino. Flesch (1930, p. 122) considerou o estudo ou capricho desacompanhado como permanecendo no meio do caminho entre o movimento de sonata para violino solo e a peça do gênero menor, afirmando ser usual aparecer em arranjo com o piano nas salas de concerto.

Este artigo mostra que os primeiros caprichos de Marcos Salles, embora seguindo a tradição da escola franco-belga, apresentam elementos particulares que buscam diferenciação do estilo europeu. Uma compreensão contextualizada das origens deste gênero de composição no Brasil pode aprofundar os estudos sobre o desenvolvimento do violino e de seu repertório solístico, ampliando possibilidades de diálogo com a comunidade internacional, pouco informada sobre as atividades brasileiras nesta área.

2. Marcos Salles e seu álbum de primeiros caprichos para violino solo

Marcos Salles (Salvador, BA, 20/11/1885; Rio de Janeiro, RJ, 6/9/1965) iniciou seus estudos musicais em Belém do Pará no Ginásio Estadual por volta do ano 1900 com o maestro Gama Malcher nas matérias teóricas e com o violinista italiano Luiz Sarti, professor do Conservatório Carlos Gomes. Depois, prosseguiu seus estudos com Marsicano e Pacciani, também violinistas italianos (SALLES e SALLES, 2010, p. 31). Em maio de 1907, “com 22 anos de idade, embarcou com o pai para a Itália, recomendado por Luiz Sarti ao seu irmão Federico, ilustre professor em Bolonha, que fora discípulo de Wieniawski” (SALLES, 2010, p. 33). Salles foi colega de Ottorino Respighi (1879-1936) no Liceo Musicale de Bolonha.

Foi durante seu período de estudos em Bolonha, de 1907 a 1909, que Marcos Salles compôs o álbum de seus seis primeiros caprichos para violino solo. Considerando-se o conjunto de composições sistematicamente feitas para violino sem acompanhamento, este álbum é um dos mais antigos do gênero na literatura brasileira, anterior aos prelúdios de Flausino Vale da década de 1920. Demais caprichos de Salles compostos posteriormente não serão abordados neste artigo. Os “Capricci per violino solo di Marcos Salles” fazem parte do acervo pessoal da violinista Marena Isdebski Salles, filha do compositor. Estão cuidadosamente registrados em manuscrito autógrafo de 10 páginas.

O Capriccio n.º1 em Dó maior divide-se inicialmente em duas partes: *largo* de 27 compassos e *allegro* (semínima = 98) de 16 compassos. Entretanto, os últimos 9 compassos da peça correspondem a um *ritornello* escrito. Por isso, o capricho é do tipo “*da capo*”, apesar da falta de indicação do *largo* final pelo autor. Logo de início, a obra apresenta uma alternância entre os modos menor e maior, notável característica do estilo de Marcos Salles.



Exemplo 1: *Largo* do Capriccio n.º1 em Dó maior de Marcos Salles, compassos 1-2.

O *allegro* possui uma repetição para a primeira frase de 8 compassos, resultando na forma A A B. O motivo deste *allegro* é o arco jogado (*jété*) em fragmentos de escala descendente da frase A, seguido das bordaduras superiores da frase B em linha melódica descendente. A rápida sucessão destas bordaduras em sequência à passagem *jété* dá um caráter virtuosístico ao capricho.

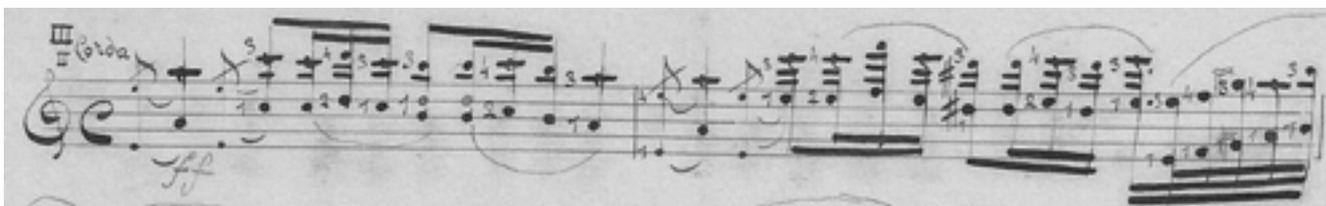
Exemplo 2: início do *allegro* do Capriccio n.º 1 em Dó maior de Marcos Salles.

O Capriccio n.º 2 em Sol maior é também da forma “*da capo*”. Não há indicação de andamento, mas supõe-se que seja *moderato*, em virtude da presença das escalas em fusas. Inspirado no virtuosismo de Paganini, a obra possui 18 compassos divididos em duas partes: 5 compassos introdutórios e 13 compassos de desenvolvimento, na seguinte forma final: AA BB A' C.



Exemplo 3: primeiro compasso do Capriccio n.º 2 em Sol maior de Marcos Salles.

O Capriccio n.º 3 em Lá menor é vigoroso, todo em fortíssimo. Possui um *largo* (semínima = 40) introdutório de 6 compassos, seguido de um *M[oderato]* (semínima = 76) de 21 compassos. O *moderato*, na forma AA B A, apresenta rápidas descidas cromáticas no c. 22 e, em menor extensão, no c. 24. *Jété* é utilizado para repetir notas nos c.7-9 e c.11-13. O que realmente chama atenção é a totalidade das oitavas paralelas, com predominância de acordes arpejados de Lá menor, Mi menor e maior.



Exemplo 4: Capriccio n.º 3 em Lá menor de Marcos Salles, compassos 1-2.

O Capriccio n.º 4 em Ré menor apresenta 7 compassos ternários introdutórios em acordes de 3 e 4 cordas. É a única peça do álbum que determina as dinâmicas de forte, forte súbito, piano súbito e crescendo até fortíssimo. A introdução é elidida com uma sequência de 30 compassos de escalas e arpejos em *staccato*.



Exemplo 5: início do Capriccio n.º 4 em Ré menor de Marcos Salles, c.1-9.

O Capriccio nº.5 de Marcos Salles em Mi menor justapõe três seções: um *adagio* quaternário introdutório de 6 compassos, um [*allegro*] ternário central de 48 compassos e um *allegro* como *coda* quaternária de 8 compassos.

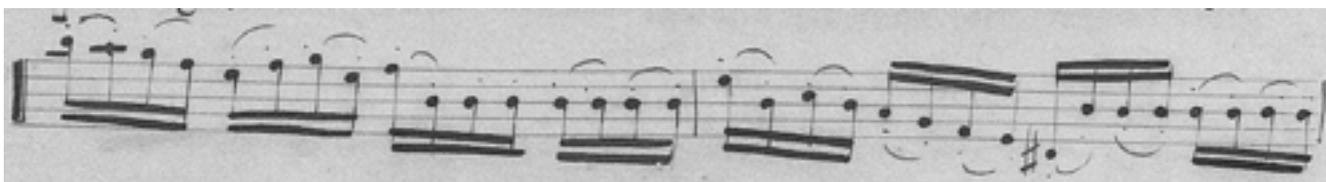


Exemplo 6: início do Capriccio nº.5 em Mi menor de Marcos Salles, *Adagio*, c.1-2.

O ternário central apresenta um motivo de nota *tenuta* seguida de uma sequência em *staccato*. Deve ser executado em andamento rápido para exibir o efeito das notas articuladas. A *coda* introduz o uso do *ricochet* neste álbum.



Exemplo 7: início do [*allegro do*] Capriccio nº.5 de Marcos Salles.



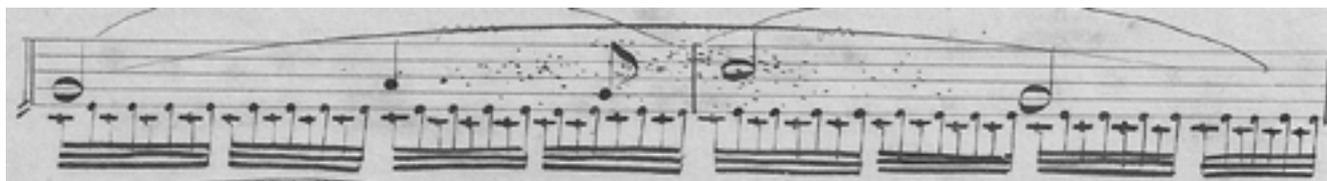
Exemplo 8: início da *coda* do Capriccio nº.5 de Marcos Salles explorando o *ricochet*.

O Capriccio nº.6 em “*Sol Minore*” apresenta três seções: uma introdução de 9 compassos, um *cantabile* de 21 compassos, um sucinto *da capo* de 7 compassos. O andamento implícito é *moderato*, que pode ser mantido ao longo da peça inteira. A solene introdução lembra uma abertura francesa por causa do ritmo pontuado. Utiliza predominantemente a técnica de oitavas, embora o primeiro compasso tenha uma escala cromática de sextas.



Exemplo 9: início do Capriccio nº.6 em Sol menor de Marcos Salles, c.1-2.

A parte central é a única seção lírica do álbum. Possui um expressivo *cantabile* na voz superior, enquanto a voz inferior realiza um acompanhamento de efeito coincidente ao do Capriccio nº.6 de Paganini.



Exemplo 10: início do *cantabile* do Capriccio n.º.6 de Marcos Salles.

3. Conclusão

Os seis primeiros caprichos de Marcos Salles para violino solo seguem a tradição instrumental da escola violinística franco-belga aplicada à forma “*da capo*” ao gosto italiano. Trata-se de obra da juventude, apresentando as seguintes peculiaridades estilísticas:

- a) incisiva alternância modal;
- b) predominância de acordes, oitavas paralelas e alguns trechos de uníssonos e sextas paralelos.

Curiosamente, não há terças paralelas exploradas neste álbum.

- c) forte caráter instrumental, pela quantidade de arpejos e escalas em diversas formas.

d) variedade de golpes de arco, cujo domínio fortaleceu sua ótima reputação (FRÉSCA, 2008, p. 114). Destacam-se praticamente todos os golpes possíveis: *legato*, *détaché*, *staccato*, *balzato* e *spiccato* em diversas velocidades, exemplos de *jété* e *ricochet*, harmônicos (os quais exigem domínio do ponto de contato do arco nas cordas), *pizzicato* de mão esquerda (se considerar que a nota inicial de cada grupo necessita da batida do arco).

Este álbum de caprichos de Marcos Salles é anterior ao conjunto de prelúdios de Flausino Vale que Camila Frésca (2008, p. 112) suspeitava ser um dos mais antigos documentados no Brasil. Se considerarmos a opinião de Carl Flesch à forma sonata para violino desacompanhado como uma crítica à escrita polifônica, o gênero curto monódico de Salles antes complementa as observações apontadas por Flesch relacionadas ao gosto europeu da primeira metade do século XX.

A insistente indagação atual é sobre o tardio registro deste gênero no Brasil. Maria Alice Volpe (1995, p. 51-76) cita representantes brasileiros conectados ao Conservatório de Paris em meados do século XIX, cuja tradição compositiva sugere a possibilidade de se encontrar mais obras antigas brasileiras para violino solo. Pesquisas neste sentido podem aprofundar a compreensão da história musical brasileira e expandir o diálogo com a comunidade internacional.

Referências bibliográficas

BOYDEN, David D.; WALLS, Peter. Violin. In: *Grove Music Online*. Oxford Music Online, 2001. Disponível em: <<http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/grove/music/41161pg1>> Acesso em: 12/3/2010.

FLESCHE, Carl. *The art of violin playing: artistic realization & instruction*. New York: Carl Fischer Inc, 1930.

FRÉSCA, Camila. *Uma extraordinária revelação de arte: Flausino Vale e o violino brasileiro*. ECA-USP: dissertação de mestrado. São Paulo, 2008.

SALLES, Marcos. *Capricci per violino solo*. Bolonha: manuscrito autógrafo. 1909, 10p.

SALLES, Marena Isdebski; SALLES, Vicente. *Marcos Salles uma vida*. Brasília: Ed. Thesaurus, 2010. No prelo.

VOLPE, Maria Alice. Compositores românticos brasileiros: estudos na Europa. *Revista Brasileira de Música*. Escola de Música da UFRJ, v.21, 1995, p. 51-76.